
A POLÊMICA NA INTERNET: ANÁLISE

CONVERSACIONAL DE DEBATE ENVOLVENDO

TEMÁTICA ESPÍRITA EM BLOG*

Luiz Signates**

Ângela Moraes***

Resumo: trata este trabalho dos resultados de pesquisa sobre as possibilidades dialógicas em ambientes virtuais altamente interativos, tomando o espiritismo como corpus de análise. Inicialmente, posiciona uma breve análise sobre a inserção social espírita e um pequeno histórico a respeito da entrada dos espíritas na internet. Em seguida, analisa um blog de polêmicas sobre temáticas espíritas e mediúnicas, com base na articulação teórico-metodológica da análise conversacional.

Palavras-chave: Espiritismo. Comunicação e religiosidade. Dialogicidade nas religiões.

Uma das principais questões que podem ser feitas nos estudos de comunicação e religião, nas sociedades democráticas contemporâneas, diz respeito às possibilidades de existência e manutenção do diálogo no meio religioso. Trata-se, no campo de interface entre a ciência da religião e a área científica da comunicação, de uma discussão que pode ter teor filosófico, porquanto toca em questões de natureza ética, e, também, adquire sentido linguístico, já que opera igualmente no âmbito dos estudos de linguagem. O campo da comunicação, na especificidade de seu objeto, é aquele que talvez melhor consiga operar ambas as abordagens, uma vez que se debruça sobre a linguagem em circulação, com grande liberdade para debater as questões de natureza ética da produção de sentido.

* Recebido em: 02.12.2011.

Aprovado em: 10.01.2012.

** Pós-doutor em Epistemologia da Comunicação pela Unisinos. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Professor na Facomb-UFG e na PUC Goiás. Coordena os Núcleos de Pesquisa em Cidadania e Comunicação da PUC Goiás e o Núcleo de Pesquisas em Comunicação e Cidadania da UFG.

*** Professora na Facomb-UFG e na PUC Goiás. Doutoranda em Letras na UFG.

Nesse campo de interface, o âmbito das relações religiosas constitui um espaço privilegiado de estudos, na medida em que aglutina os sentidos ancestrais da constituição das crenças e, ao mesmo tempo, necessita, pela natureza específica de seus processos de institucionalização, de operar constantemente as ferramentas da comunicação, para atingir seu desiderato. Em outras palavras, a religião representa desde os tempos imemoriais, uma das principais fontes de produção do sentido do mundo, mas, nos dias de hoje, em face dos processos de globalização e fragmentação das denominações religiosas, tornou-se ainda mais dependente dos processos comunicacionais, para sobreviver no competitivo mercado das crenças.

A bem da verdade, as instituições religiosas constituem, junto às escolas e à própria mídia, aquilo que pode ser denominado de “instituições de poder simbólico”, já que operam com as lógicas da comunicação, da circulação de produtos simbólicos, para operar seus processos – não apenas de legitimação social, mas a própria constituição da experiência, tanto quanto o sentido intrínseco das suas instituições. As igrejas, portanto, tornam-se facilmente, no mundo contemporâneo, instituições midiáticas, estruturadas e orientadas para a produção das linguagens próprias ao convencimento do mundo a respeito de suas verdades particulares.

Constituída desde o princípio como espaço da verdade absoluta, pois ditada pelo próprio Deus ou por seus arautos autorizados (o que dá no mesmo), a religião, contudo, perdeu o privilégio tanto da verdade inquestionável, após o surgimento e a alta legitimação da ciência, quanto da possibilidade de manutenção de identidades rígidas e isoladas, após a enorme fragmentação das experiências, movimentos e instituições religiosas. Tais condições, reunidas, operam uma crescente necessidade de disputar sentidos com as culturas que emergiram com maior autorização – como é o caso da própria ciência – e com as demais religiões, ante as quais os processos de legitimação passam pela capacidade de convencer e conquistar adeptos – o que tem aproximado a lógica religiosa das lógicas de marketing e mercado do mundo empresarial privado.

Em outras palavras, as religiões têm sido cada vez mais premidas ao desenvolvimento de uma relação discursivamente polêmica ou conflitiva com os demais sentidos da sociedade. Este trabalho busca compreender as modalidades dentro das quais o discurso polêmico opera, senão no interior, ao menos nas bordas da movimentação discursiva da religião. Para isso, estuda o espiritismo, por conta de suas peculiaridades de caráter moderno, e opta pelo uso de algumas categorias de análise conversacional para o estudo de um blog intensamente polêmico na internet, que privilegia o debate sobre a temática espírita.

OS ESPÍRITAS NO BRASIL

As sondagens estatísticas sempre trataram os espíritas como um grupo social situado no alto da pirâmide sócio-econômica e intelectual do Brasil. Trata-se de um

movimento filosófico-religioso espiritualista cujos adeptos estão entre os de maior rendimento e mais larga escolaridade do país. É o que, por exemplo, demonstram os resultados do Censo 2000, divulgado pelo IBGE (Tabelas 1 e 2).

O cruzamento dos dados do Censo 2000 demonstra que aproximadamente metade (47,51%) dos espíritas no Brasil auferem rendimento acima de cinco salários mínimos, sendo que mais da metade destes (24,34%) ganham na faixa de 5 a 10 salários mínimos (Tabela 1).

Tabela 1: Espíritas por gênero e classes de rendimento

RENDA (SM)	HOMENS		MULHERES		QTDE	PERC
	QTDE	PERC	QTDE	PERC		
Até ½	4173	0,38	8295	0,37	12468	1,14
1/2 – 1	24281	1,07	47330	2,09	71611	6,55
1 - 2	60818	2,69	103792	4,59	164610	15,06
2 – 3	48147	2,13	70058	3,10	118205	10,81
3 – 5	79854	3,53	102474	4,53	182328	16,68
5 – 10	128577	5,68	137466	6,08	266043	24,34
10 – 15	51052	2,26	44683	1,98	95735	8,76
15 – 20	41021	1,81	26292	1,16	67313	6,16
20 – 30	27001	1,19	14977	0,66	41978	3,84
Mais de 30	35763	1,58	12476	0,55	48239	4,41
Sem renda	8872	0,39	15617	0,69	24489	2,24
TOTAIS	509559		583460		1093019	

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (2000).

O nível de formação intelectual dos espíritas é igualmente alto. Nada menos do que 59,06% dos espíritas pesquisados no Censo 2000 têm acima de 11 anos de escolaridade (Tabela 2), o que fez do movimento espírita um dos mais promissores mercados livres do Brasil.

Tabela 2: Espíritas por gênero e grupos de anos de estudo

ESTUDO	HOMENS		MULHERES		QTDE	PERC
	QTDE	PERC	QTDE	PERC		
Menos de 1	15416	0,82	27823	1,23	43239	2,30
1 – 3	34625	1,53	53899	2,38	88524	4,71
4 – 7	114397	5,06	177417	7,84	291814	15,52
8 – 10	136494	6,03	201465	8,90	337959	17,98

11 – 14	272551	12,05	440851	19,49	713402	37,95
15 acima	159630	7,06	237205	10,48	396835	21,11
Ñ determinado	3377	0,15	4610	0,20	7987	0,42
TOTAIS	736490		1143270		1879760	

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (2000).

Do ponto de vista qualitativo, de maior interesse para este artigo, torna-se relevante o fato de a movimentação espírita estar centrada num grau importante de identidade cultural, já que se realiza em torno de uma filosofia religiosa dentro da qual o estudo doutrinário ocupa posição fundamental.

Surgido na França do século passado, a partir do trabalho do professor lionês radicado em Paris, Hippolite Leon Denizard Rivail, que se tornou conhecido depois pelo pseudônimo de Allan Kardec, o Espiritismo teve desde o início sua formulação construída a partir de livros e revistas, por meio dos quais as ideias sobre seus princípios fundamentais foram consolidadas, na consciência dos adeptos.

A filosofia espírita está intrinsecamente vinculada ao iluminismo e ao racionalismo francês. Os conceitos de razão e conhecimento, próprios da movimentação cética que marcou a eclosão moderna da ciência, são estabelecidos ao lado das noções de sentimento e crença, característicos da construção de uma visão religiosa de mundo. Os espíritas se inserem no movimento cristão, embora as igrejas tradicionais do cristianismo rejeitem às vezes veementemente essa identificação, tendo em vista a forte rejeição dos espíritas aos dogmas, vez que se prendem quase exclusivamente às interpretações éticas e morais contidas nos textos bíblicos, especialmente os do Novo Testamento – o que é mais uma característica fortemente marcada pelo ideário iluminista.

No Brasil, o movimento adquiriu um formato mais religioso, um tanto distanciado da construção filosófico-científica de seu estágio na França. Entretanto, os espíritas brasileiros mantiveram a tradição iluminista de origem, agregando com isso um sentido muito forte de identidade cultural, que pode ser demonstrado, por exemplo, na rejeição hoje institucionalizada do próprio movimento umbandista, o qual, conforme diversos antropólogos, surgiu dentro do kardecismo, no Rio de Janeiro dos princípios do século e que se destacou posteriormente dele por efeito da rejeição de uma cultura negra, ainda que “branquificada” (ORTIZ, 1978).

O Espiritismo brasileiro caracterizou-se também pela pronunciada dedicação às classes baixas, construindo ao longo do século uma respeitável obra social, que inclui hospitais, creches, albergues e escolas, além da prática de assistência e promoção inserida como componente da prática religiosa, em praticamente todos os cerca de oito mil centros espíritas em todo o Brasil, segundo informações da Federação Espírita Brasileira.

Uma curiosa contradição, aliás, se revela nesse caso: o de um movimento orientado para a caridade, vista não simplesmente como mera esmola (os espíritas criticam a redução da ideia de caridade à de esmola), mas como um movimento de solidariedade e de soerguimento espiritual, e que, cem anos após, guarda uma conformação demográfica altamente elitista, deixa entrever que, provavelmente, as relações estabelecidas não foram marcadas por um tipo de solidariedade que abrangesse a inclusão.

Se, de um lado, isso poderia ser justificado pelo aspecto supostamente não proselitista da movimentação espírita, por outro existe forte possibilidade de que relações tribais ou de classe, marcadas pela rejeição da diferença, possam estar sendo praticadas pelos adeptos.

Entretanto, as condições sociais contemporâneas são profundamente diferentes, especialmente, com o surgimento da internet, de ambientes de ampla e autêntica interatividade, na qual o internauta não apenas ouve e lê, mas convive com uma cultura em que participar é uma possibilidade permanentemente viável, embora os modos de participação variem de um para outro dispositivo dentro da rede. Em ambientes favoráveis à interação e à manifestação relativamente livre das ideias, a especificidade demográfica dos espíritas, aliada à característica iluminista e racionalista de seu projeto, torna este agrupamento religioso altamente interessante aos estudos de comunicação e religiosidade.

Esta problemática adquire relevância ainda maior quando se observa que o espírita assume o discurso de não ser proselitista ou conversionista. Ao não assumir o desejo de fazer prosélitos, o espírita, iluminado pela crença positivista ou pelo modo como Allan Kardec a adaptou à experiência espírita, torna-se passível de indagação a questão de até que ponto o espírita é capaz de diálogo e construção de entendimento, especialmente quando surgem questionamentos em relação às convicções espíritas centrais para o pensamento doutrinário.

Eis porque se torna relevante indagar: até que ponto a herança iluminista e positivista do espiritismo torna-o de fato permeável ao enriquecimento de conhecimentos que não partam de seu seio? Até que ponto os espíritas são capazes, enfim, do diálogo social, empreendendo a formação de consensos e superando, assim, a mera disputa religiosa por adeptos?

O ESPIRITISMO E AS (IM)POSSIBILIDADES DO DIÁLOGO

O estudo da inserção dos espíritas na internet, para esta perspectiva, é bastante fecundo, graças às peculiaridades que especificam esse grupo social no Brasil. O movimento espírita adquiriu, após cerca de cem anos de atividades, o status de uma das mais proeminentes e singulares religiões do país. Além disso, é significativa a proximidade existente entre o perfil social dos espíritas e o dos internautas.

Outro fator que torna relevante o estudo desse grupo social é o seu forte sentido de identidade cultural, movimentado pela natureza filosófica discursiva de sua prática religiosa, na qual categorias do iluminismo, como a razão e o conhecimento ocupam posição central no imaginário dos adeptos, obtendo na sua trajetória brasileira uma reinterpretação de índole marcadamente religiosa. Tais características elaboram um forte vínculo de auto-reconhecimento, tornando extremamente heurístico um estudo de suas relações intersubjetivas para a observação da alteridade e a dialogicidade, dentro de um ambiente marcado pela interatividade, como é o da Internet.

Em outros artigos (SIGNATES, 1998; 1999), há anos temos estudado a questão da alteridade e da dialogicidade na comunicação praticada pelo meio espírita e por outros movimentos religiosos, quase sempre encontrando demonstrações muito palpáveis senão de sua inexistência, ao menos da grande dificuldade que adeptos do espiritismo manifestam de exercê-la. Nos nossos trabalhos, tem restado patente que o espaço discursivo espírita tem sido, sobretudo, um lugar de formação e defesa da identidade espírita, mais do que um campo de aprendizados ou de buscas cognitivas. Em outros termos, os espíritas em geral, diante de ideias ou pessoas que deles discordem, tendem a se preocupar mais com a defesa de seus postulados do que com as possibilidades de avanço nas ideias nas quais acreditam.

A entrada dos espíritas na internet data dos primeiros dias da implantação da rede no Brasil. Inicialmente, foram espíritas vinculados a atividades de informática. Numa pesquisa que um dos autores deste trabalho empreendeu no final do século passado, registrou-se pelo menos duas instituições espíritas exclusivamente virtuais, isto é, que existiam apenas na internet – constituindo-se, na verdade, em ambientes regulados de formação de redes de internautas espíritas.

A primeira e mais antiga delas é o Grupo de Estudos Avançados Espíritas (GEAE) (www.geae.inf.br), com certeza o primeiro grupo com esta característica, criado em 15 outubro de 1992. O boletim informativo do GEAE é distribuído virtualmente até hoje, encontra-se em sua 546ª edição (www.geae.inf.br/pt/boletins/geae546/), completando 20 anos de circulação aparentemente ininterrupta.

A primeira publicação espírita em inglês na Internet foi a homepage “Spiritism to the world”, contendo fotos de materializações de espíritos, lançada em agosto de 1995 e mantida pelo mesmo editor da atual versão inglesa do boletim do GEAE, o físico Ademir Luiz Xavier Júnior, quando estudava na Unicamp.

A segunda instituição exclusivamente virtual é o Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo (CVDEE) (<http://www.cvdee.org.br>), cuja constituição, entre outubro de 1997 e março de 1998, obedeceu a praticamente todos os rituais de fundação de uma instituição comum (estatuto, organograma, distribuição racional de tarefas e “sede” virtual na homepage), embora não haja qualquer registro jurídico. A homepage da instituição está ainda disponível na internet.

Nesta primeira década do novo milênio, foi a vez das instituições espíritas – ou, ao menos, as principais – adentrarem na internet, com um redobrado ímpeto divulgacionista. Dentre elas, este artigo destaca o grande portal construído pela centenária Federação Espírita Brasileira (www.feb.org.br), além de um sem número de grandes e pequenos sites espíritas, voltados ora para a divulgação, ora para a polêmica das temáticas tratadas pelo espiritismo.

Neste trabalho, este mesmo estudo se debruça sobre um campo intermediário: um blog dedicado à polêmica das questões espíritas, que, na maioria das vezes, coloca-se como combate a postulados ou a interpretações espíritas sobre fenômenos mediúnicos. Desejou-se, nesse sentido, saber até que ponto a instauração de polêmicas e contraditórios pode gerar expectativas de aprendizado e diálogo ou se, pelo contrário, tais ambientes apenas constituem espaços para a disputa de sentidos que se reduza à mera demarcação de posições entre os contendores. De modo metafórico, o que se pretende estudar é se o blog, que serve de *corpus* deste trabalho, funciona como campo de aprendizado ou jogo de disputas ideológicas, abrindo-se, evidentemente, o espaço interpretativo deste estudo para outras vias interpretativas ou intermediárias entre esses dois pólos categoriais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota metodologicamente a Análise Conversacional para a análise dos dados. Ela se concentra na descrição de como uma conversação é organizada e o papel dos interlocutores na situação de fala (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). Para Mayers (2000), a análise conversacional busca mostrar como os participantes que se interagem verbalmente juntam e contrastam seus pontos de vista, podendo estar associada a categorias provenientes da análise de conteúdo e do discurso.

O *corpus* deste trabalho foi retirado do blog *Obras Psicografadas* assinado por Vitor Moura. O debate analisado intitula-se *Derrubando um dos pilares do Espiritismo: o livre-arbitrio*¹, e contou com a participação de 13 interlocutores. As 99 mensagens analisadas foram postadas entre 17/05/2011 e 10/06/2011. Este blog se propõe à análise de temas polêmicos dentro do Espiritismo, especialmente às possíveis fraudes do fenômeno mediúnico. Neste caso, entretanto, os interlocutores se propõem ao debate de um princípio filosófico espírita: o livre-arbítrio.

Para efeitos de análise, preocupamo-nos em identificar e descrever: a) as posições-sujeito dos interlocutores, b) a forma como se inserem no debate (aspectos linguísticos), c) as motivações para a tomada de turnos² e d) o que instaura a polêmica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os participantes do debate não se apresentam formalmente. Categorias como nome completo, idade, profissão e endereço só são conhecidas se algum deles sente a necessidade de informar durante a conversação. A maioria se identifica com o primeiro nome, poucos acrescentam o sobrenome e, aparentemente, apenas um se utiliza de um nick (codinome).

Quantitativamente, os 13 interlocutores contribuem de forma diferente para o diálogo, e as discussões se polarizam como favoráveis e não favoráveis ao texto que abre o debate. O ponto de partida é a reprodução no blog de um trecho do capítulo 1 do livro *Compreender o Behaviorismo*, do americano William M. Baum, publicado em 1994. Sua tese é a de que não existe livre-arbítrio, sendo todo o comportamento humano condicionado pela genética e pelo ambiente. Na tabela abaixo apresentamos os interlocutores e seus posicionamentos em relação ao texto:

Tabela 3: Número de intervenções e posicionamento dos sujeitos

INTERLOCUTORES	TOMADA DE TURNOS	POSICIONAMENTO
Vitor	18	<i>A favor</i>
Biasseto	16	<i>A favor</i>
Roberto Scur	15	<i>Contra</i>
Carlos	10	<i>Contra</i>
Caio	9	<i>A favor</i>
Paulo	9	<i>A favor</i>
Gilberto	6	<i>Contra</i>
Mrh	6	<i>Contra</i>
Emily	4	<i>A favor</i>
Cláudio	3	<i>Contra</i>
Emmanuel de Atlântida	1	<i>Contra</i>
Marcos Arduim	1	<i>Contra</i>
Gabriel Nunes	1	<i>Contra</i>

O debate não se constrói visando consensos. Não há, por exemplo, mudanças de opinião expressadas verbalmente, considerando a contribuição de outro interlocutor. As posições já estão bem definidas quando o debate começa. A discordância se manifesta por meio da desqualificação do discurso, utilizando-se de expressões consideradas “não corteses” na Língua Portuguesa, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Expressões verbais de desqualificação do discurso do Outro

INTERLOCUTORES	TURNO/ EXPRESSÕES VERBAIS
Vitor	(3) Mais uma vez o Scur <i>esperneia</i> sem apresentar qualquer argumento.

Biasseto	(4) <i>bibliazinha ridícula</i> dos hebreus/judeus/israelenses (4) <i>espiritismo trash</i> , que não prova nada, e acredita em tudo! (18) <i>bobões dos profetas</i> (21) Veja a explicação que você dá, pra uma <i>porcaria</i> de livro
Roberto Scur	(2) Este é o artigo mais <i>obtusos</i> que já vi neste blog (28) vai te criar, e vai estudar <i>seu deitado!</i> (28) não tem culhão para <i>tirar o traseiro</i> da cadeira (29) o Juliano que <i>correu do pau</i> (29) esta guria aí que <i>apareceu do nada, a tal de Emilly</i>
Paulo	(14) O que ele pode nos trazer além de trechos das “obras” do <i>minerinho</i> [referência a Chico Xavier]
Gilberto	(15) Baum quer <i>ver o circo pegar fogo</i> (43) Uma <i>viagem na maionese metafísica boba</i>

A polêmica se instaura, principalmente, no diálogo travado e alguns silenciamentos entre Vitor, Biasseto e Roberto Scur. Além das ofensas verbais, outras duas razões levam ao endurecimento do diálogo: a desconfiança da identidade de Paulo, Caio e Emilly por parte de Scur, e a imagem construída um do outro a partir de experiências em debates anteriores.

Para Roberto Scur, Vitor, Paulo, Caio e Emilly são a mesma pessoa como vemos nos *posts* abaixo:

(17) Faz assim Vitor, Pega uma avião aí no Rio, vêm vestido de Emilly 26 aninhos carregando uma prancheta para anotar tudo, e traz a fantasia de Paulo para trocar de roupa e fazer o papel de fotógrafo. Depois faz uma montagem aí, estilo esta que tu fazes para comparar textos e provar plágios...

(38) Paulo, Não concordo que seja ofensa você duvidar da identidade de uma pessoa que nega apresentá-la abertamente. Eu ponho meu nome e sobre-nome e assumo o que digo e escrevo, e não acho favorável ao diálogo usar nicks, pseudônimos, avatares ou o que for. Transparência é muito melhor nas relações humanas.

Vitor não responde a esta acusação de Scur. Embora esta desconfiança seja recorrente em outros turnos de Scur, em nenhum momento há esclarecimentos por parte do coordenador do blog, que prefere interagir com os demais interlocutores. Apenas Caio se manifesta neste sentido:

(47) ... fico feliz por ter entrado na lista do Scur de “pessoas suspeitas de serem o Vitor Moura”, hahahaha. Vitor, acho que, daqui a pouco, o Scur vai concluir que só existem duas

pessoas nesse blog: você e ele. O mal contra o bem. Hahaha. Scur, papo sério, procure ajuda médica. Não estou sendo irônico ou maldoso, estou falando sério. Tente viver os anos que te restam com a mente saudável. Tenho certeza que aí no Rio Grande do Sul devem existir psiquiatras muito competentes. Saudações paulistas pra você.

Assumir outras identidades é comum na Internet. Embora não haja dados suficientes que comprovem a desconfiança de Scur, atitude neste sentido foi assumida por Biasseto em outros debates no blog:

(65) Às vezes, confesso, que também fico desconfiado se fulano é fulano mesmo, mas tento até entender. Eu já usei aqui, poucas vezes, mas já usei do artifício de me disfarçar. Fiz uso do “Flávio Josefo”, porque estava travando uma “batalha” com o JCFF e com alguns céticos, então, algumas vezes, apelei, fui até infantil. Pedi desculpas ao JCFF como Flávio Josefo e peço agora, como Eduardo José Biasseto. Caro José Carlos, me desculpe por todas as bobagens e desagradados com os quais me dirige à tua pessoa. O Scur, o Juliano e o Carlos Magno sabiam que eu usava do Flávio Josefo, e o Vítor, acredito que sempre soube também.

Observando outros debates arquivados no blog, fica evidente que existe um “pré-construído” das imagens que esses interlocutores fazem um do outro. Para Biasseto, Vítor, Gilberto, Caio e Paulo, Roberto Scur é o representante dogmático, o crédulo, aquele que coloca o Espiritismo acima de qualquer suspeita. Para Scur, eles são os ignorantes, os céticos.

São duas posturas bem definidas que surgem neste debate: a questionadora e a defensora do Espiritismo. Elas se manifestam recorrentemente em todas as discussões do blog (caso o leitor se interesse em vê-las, clique nos links de rodapé). Em um debate anterior³, em novembro de 2010, sobre *Os problemas metodológicos de Kardec*, representantes dessas duas posições se manifestaram ditocotomicamente, salientando as posições dominantes:

Gilberto: É importante também salientar que Kardec escreveu toda a sua obra consultando diversos médiuns sim, mas todos eles moravam num raio de poucos quilômetros de sua casa! Isso se reflete bem na sua obra através do mesmo pensamento preconceituoso (e racista, no sentido mais puro da palavra), da mesma mitologia católica, do mesmo conhecimento superficial de ciência, e da mesma arrogância européia branca no que concerne à superioridade caucasiana sobre as outras culturas.

Carlos: Marcos, siga o teu raciocínio com essa história de racismo em Kardec. Ele foi um homem com as virtudes e os defeitos da sociedade de seu tempo. Ao retirá-lo desse contexto, corre-se o risco da crítica parcial e, quem sabe, injusta.

Scur: Para mim esta polêmica sobre o teor racista é uma incompreensão temporal apenas. As explicações sobre espíritos mais velhos, com mais experiências reencarnatórias, com cabedais intelectuais, morais e até mesmo corporais superiores ao de espíritos mais jovens são feitas nas obras de Kardec, e é preciso estudá-la com um todo não em partes isoladas.

No *corpus* atual em análise, a imagem do outro como representantes dessas posições são novamente detectáveis:

(01) *Biasseto*: Espíritas como o Scur, afirmam que a “lei de causa e efeito” é implacável, e as pessoas têm condições, exatamente, através do livre-arbítrio, de escolher o melhor caminho – que eles chamam de caminho cristão – para garantir um lugarzinho no céu.

(04) *Biasseto*: Scurzito, Você fala que (...) o espiritismo é o máximo dos máximos...

(28) *Scur*: ... não estou preocupado com a cegueira imbecilizada de vocês que não vão procurar sair das trevas da ignorância presunçosa e infantil em que se meteram.

As posições conflitantes partem, então, da defesa do dogma e do ceticismo e se personalizam na voz dos interlocutores. Metaforicamente, percebe-se um duelo discursivo que sai do ambiente virtual e se materializa em uma proposta de desafio presencial. Foi o caso observado entre Scur e Paulo sobre um possível encontro face-a-face entre eles:

(20) Paulo: Scur, aceito seu convite sem problema nenhum! Já que eu aceito, tu poderia me retribuir a gentileza de aceitar uma sugestão minha? Eu posso pedir para o Prof. Sérgio da Astronomia da UFRGS um espaço na aula dele para tu ter a chance de explicar a teoria da vida em Marte e do planeta chupão. O que acha?

(29) Scur: Paulo, Eu aceito estar presente numa aula onde este professor de astronomia, certamente muito mais qualificado do que eu, tomaria as informações que ele domina e que eu apresentaria, baseado nos programas de simulação de órbitas do laboratório de propulsão da Nasa, que traz também as medidas estimadas de tamanho, distância e previsão de datas de aproximação da Terra, para que ele e não eu explique as consequências possíveis de uma aproximação desta magnitude das vizinhanças de nosso planeta.

Apesar de a polêmica se manifestar linguisticamente “afiada”, o debate de ideias transcorre de maneira mais tranquila entre os demais interlocutores, embora quantitativamente seja um aspecto menos característico na conversação. A maioria das intervenções, neste sentido, baseia-se em argumentos e discursos tidos como científicos. Tanto os que defendem o princípio do livre arbítrio quanto os que o rechaçam evocam estudos, pesquisadores e teorias para assegurar a legitimação dos discursos (Quadro 2).

Quadro 2: Argumentos de legitimação com uso de discursividade de tipo científico

FAVORÁVEIS AO PRINCÍPIO DO LIVRE-ARBÍTRIO	CONTRÁRIO AO PRINCÍPIO DO LIVRE-ARBÍTRIO
---	--

<p>se o livre-arbítrio não é fruto da evolução, isso não viola a Teoria da Evolução por excelência? Apareceu como? Mágica? Bactérias têm livre-arbítrio? Uma formiga tem livre-arbítrio?</p>	<p>A neurolinguística, por exemplo, afirma que o ser humano, até os sete anos, funciona como uma esponja, sugando tudo à sua volta.</p>
<p>O interessante nessa tese é que ela pretende explicar toda liberdade (ou aparente manifestação de liberdade) por seu pressuposto simples de determinismo:</p>	<p>Na definição do livro, é dito: “O livre-arbítrio supõe um terceiro elemento além da hereditariedade e do ambiente, supõe algo dentro do indivíduo. Afirma que, apesar da herança e dos impactos ambientais, uma pessoa que se comporta de dada forma poderia ter escolhido comportar-se de outra maneira.”</p>
<p>A mente humana, como o ser biológico de modo geral, foi moldada pelo mesmo sistema matemático que “governa” o clima ou o movimento dos planetas. Para ver isso, basta procurar na net imagens de sistemas fractais e verificar a semelhança extraordinária de alguns deles com o rede de neurônios do cérebro. Resumindo, podemos prever o comportamento, porém nunca ter 100% de certeza.</p>	<p>you sabe me responder se os experimentos sobre entrelaçamento de mentes com resultados positivos foram apenas com gêmeos idênticos ou com outras pessoas também?</p>
<p>Este pensamento já está ultrapassado pelos experimentos da epigenética. É como querer continuar a explicar o mecanismo universal pelas leis de Newton.</p>	<p>Ian Stevenson⁴ inclusive afirma que não encontrou nos casos por ele estudados uma correlação entre o tipo de vida</p>

As palavras destacadas nesse quadro mostram o elemento aglutinador dos interlocutores: a discursividade científica dos fenômenos em relação com os princípios espíritas. Embora existam estranhamentos em razão da presença de posições tão contraditórias, a *vontade de verdade* de ambas as partes sustentam o diálogo por um período relativamente longo, aproximadamente quatro semanas e um número expressivo de intervenções.

CONCLUSÃO

Retomando, agora, as questões que guiaram o início desta análise, podemos inferir que:

- a) Existem duas posições-sujeito bem definidas: as que defendem e as que questionam os princípios básicos do espiritismo;

- b) Quantitativamente, predomina o debate irônico e, por vezes, ofensivo, embora nem todos os interlocutores adotem esta estratégia de desqualificação do discurso do outro;
- c) As tomadas de turno são motivadas, em alguns casos, pela necessidade de marcação de território, em outros, para apresentar questionamentos que problematizam uma opinião anterior;
- d) A polêmica se instaura por meio do discurso dicotomizante, tornando-se, aparentemente, uma característica predominante no blog, como se verificou em outros debates.

Assim, embora a internet abra espaço para a polêmica, por meio da explicitação do contraditório, nem sempre possível nos ambientes formais religiosos, o diálogo que valoriza a construção de um conhecimento necessita mais do que plataformas com instrumentos de interatividade. A forma de inserção dos sujeitos no discurso dialógico pode ser dificultada pelo mero propósito de reforço das identidades. A menos que se considere a construção coletiva de conhecimento a partir da circulação de diferentes discursos, e dependente das apropriações individuais no ambiente virtual, ela, neste caso, não foi percebida do ponto de vista pragmático e racionalmente orientada no diálogo. As possibilidades de superação do radicalismo identitário dependem de interações mais comunicativas e em condições eticamente acordadas.

CONTROVERSY IN THE INTERNET: CONVERSATIONAL ANALYSIS INVOLVING SPIRITIST ISSUE IN BLOG

Abstract: this work analyses the research results on the dialogical possibilities in highly interactive virtual environments, taking Spiritism as corpus. It starts with a brief study of spiritists social interaction and a history about their entry into internet. Next, it analyses a controversial blog which involves psychic and spiritist issues, based on the theoretical and methodological articulation of the conversational analysis.

Keywords: Spiritism. Communication and religiousness. Dialogicity in religion.

Notas

¹ Disponível em: <http://obraspsicografadas.haaan.com/2011/derrubado-um-dos-pilares-do-espiritismo-o-livre-arbitrio-parte-1/#more-637>

² Turno de fala é a contribuição de um locutor dada em certo momento da conversação. Constitui a unidade essencial da organização das produções verbais dialogadas.

³ Disponível em: <http://obraspsicografadas.haaan.com/2010/os-problemas-metodologicos-de-kardec/#more-508>

⁴ Pesquisador americano que investigou casos sugestivos de reencarnação.

Referências

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAYERS, Greg. Análise da Conversação e da Fala. In: BOWER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOURA, Vitor. *Derrubando um dos pilares do Espiritismo: o livre-arbitrio*. Disponível em: <<http://obraspsicografadas.haaan.com/2011/derrubado-um-dos-pilares-do-espiritismo-o-livre-arbitrio-parte-1/#more-637>>. Acesso em: 13.11.2011.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SIGNATES, Luiz. Os espíritas na internet: interatividade e alteridade no jogo das identidades culturais. *Intercom 98*, GT Comunicação e Religiosidade, 1998..
- SIGNATES, Luiz. A ética do discurso religioso, entre o estratégico e o comunicativo. *Intercom 99*, GT XXI Congresso da Sociedade Brasileira de Pesquisadores da Comunicação – Intercom, Rio de Janeiro, setembro de 1999.